

## Horacio Quiroga e *Los Desterrados*: o ser e estar na fronteira

Guilherme Silva da Cruz  
María Silvina Sosa Vota

Submetido em 26 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 10 de novembro de 2016.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 53, janeiro de 2017. p. 75-88

---

### POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

---

### POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>  
Quinta-feira, 19 de janeiro de 2017  
15:59:59

## HORACIO QUIROGA E *LOS DESTERRADOS*: O SER E ESTAR NA FRONTEIRA

## HORACIO QUIROGA AND *LOS DESTERRADOS*: TO BE IN THE BORDER

María Silvina Sosa Vota <sup>\*</sup>  
Guilherme Silva da Cruz <sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** A partir do livro *Los Desterrados* (1926) de Horacio Quiroga, o presente trabalho se propõe refletir a partir do conceito de fronteira e suas relações, particularmente sobre composição do espaço fronteiriço entre distintos sujeitos pelo trânsito de pessoas e de informação. Trazendo como ponto elaborador a representação e a vivência na fronteira dentro do livro, pensando a obra como criação contextual motivada que dialoga e, conjuntamente, cria um mundo de características particulares. Mostra-se este espaço como elemento fundamental para compreensão da condição do ser e estar dos personagens construídos nesse conjunto de contos. Questão que auxilia na compreensão identitária e das relações de poder e de linguagem que ocorrem na constituição de um espaço de fronteira representada na obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas de fronteira; espaço; linguagem; identidade.

**RESUMEN:** A partir del libro *Los Desterrados* (1926) de Horacio Quiroga, el presente trabajo se propone reflexionar a partir del concepto de frontera y de las relaciones que se producen, particularmente, sobre la composición del espacio fronterizo entre distintos sujetos, por el tránsito de personas y de información. Se tiene como punto de partida la representación y la vivencia en la frontera dentro del libro, pensando la obra como creación contextual, motivada, que dialoga y a la vez crea un mundo de características particulares. Este espacio se muestra como elemento fundamental para la comprensión de la condición del ser y estar de los personajes construidos por Quiroga en este conjunto de cuentos. Cuestión que colabora en la comprensión identitaria y de las relaciones de poder y de lenguaje que tienen lugar entre los elementos expuestos en este trabajo.

**PALABRAS CLAVE:** identidad, lenguaje, espacio, narrativas fronterizas.

**KEYWORDS:** identity, language; space; border narratives.

### 1. Introdução

- *Eu cheguei – respondió todavía el moribundo*  
- *Você viu a terra e eu está lá*  
(Joao Pedro em *Los Desterrados*, Horacio Quiroga)

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), bacharel em História pela mesma universidade, silvinasosav@gmail.com

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF), guilhermecruzz@live.com

Ao falar da terra, ou do local de origem, existe uma construção atemporal embasada em afetos e histórias reelaboradas. Pensar num ponto de partida transpassa valores e percepções próprias de um espaço imaginado como meio e fim de uma fundação interna que busca e tece redes memorialísticas para efetuar seu nó identitário. Quando Joao Pedro “escolhe” morrer num *entre-lugar*, no meio da fundação de sua terra natal e a construção de seu espaço vivente, ele depõe pelos movimentos de *ser* e *estar* numa fronteira. O personagem como desterrado alimenta a fuga, expõe o enfrentamento, direciona disputas, fraciona desafios, e se engana, ou liberta, criando um novo lugar, para finalmente convalescer no seu território derradeiro.

O uruguaio Horacio Quiroga (1879 – 1937) tornou-se um dos expoentes da literatura latino-americana, particularmente por seus contos, com uma produção originada no início do século XX. Sua obra ganhou ênfase póstuma, principalmente nas influências expostas por autores como Julio Cortázar (1914 – 1984). Tornou-se uma referência para o teatro, cinema e televisão. Dois anos após sua morte rodava a primeira das mais de cinquenta adaptações de suas narrativas para o formato audiovisual (FERRARI, 2016, p. 4). Entre os anos de 1894 e 1936, teve uma produção intensa de críticas literárias, resenhas, inúmeros poemas, 170 contos e 15 livros. Tendo uma vida com situações peculiares, envolvendo mortes e um certo obscurantismo, Quiroga muitas vezes é encarado de uma maneira unidirecional pela crítica literária, que justifica sua produção através de sua história íntima, como consequência e causa de sua literatura. Também, às vezes, é entendido dentro de uma lógica de uma literatura nacionalista. Isto provoca considerá-lo como autor de fronteira, apenas por ter vivido parte de sua vida na região fronteiriça, relegando a segundo plano a discussão de como se integra em sua obra literária a questão de fronteira em seu enfoque, situações e narrativas.

Visando ampliar as perspectivas de análise, este artigo propõe-se a visitar a obra do autor trazendo como ponto elaborador a representação e a vivência na fronteira dentro do livro *Los Desterrados*, pensando a obra como criação contextual, motivada, que dialoga com o mundo, e que conjuntamente cria um espaço de características particulares.

A obra, composta de oito contos<sup>1</sup> escritos em diferentes momentos, mas compilados num mesmo título em 1926, é considerada por Emir Rodríguez Monegal como “el mejor libro, el más homogéneo” (2004, p. XVIII), o “ápice” da carreira de Horacio Quiroga como escritor e ponto de inflexão, a partir do qual inicia seu período considerado de “decadência” literária e pessoal. Esses contos estariam ambientados e pensados no espaço missioneiro, zona fronteiriça composta pelos limítrofes Argentina, Paraguai e Brasil, entretanto, também por ser o espaço de encontro entre a selva “virgem” e a depredação civilizada da mesma, do mundo animal e o mundo do ser humano, pelo que se deve ser e pelo que de fato se é. Esta territorialização, entendida como ocupação literária e consciente do espaço e sua consequente valorização, lhe dará uma unidade espacial que vinculará as diferentes narrativas que compõem o livro. Não obstante, o vínculo entre os oito contos não se reduz apenas nessa relação com Misiones, uma vez que também se dá pelo trânsito de seus personagens através das narrativas, pela representação do pitoresco em cada um dos relatos ligados estreitamente à condição de *ser* e *estar* na(em) fronteira.

---

<sup>1</sup> Os contos que compõem a obra são: *El regreso Anaconda* (1925), *Los Desterrados*, *Van-Houten* (1919), *Tacuará-Mansión*, *El hombre muerto* (1920), *El techo de incienso* (1922), *La cámara oscura* (1920) e *Los destiladores de naranja* (1923).

Propondo uma reflexão inicial e tendo como eixo o conceito fronteira, toma-se como ponto de partida as representações *quiroyanas*. Pensar o papel da identidade fronteiriça a partir das ações conflituosas de personagens em relação ao seu espaço que trazem uma subjetividade constituinte. Conjuntamente com sua formação político-social, reformula as noções de disputas e conceitos sobre estar e ser da fronteira – no espelhamento com a obra analisada. Concomitantemente, adentra os aparatos de controle e poder que tensionam esse espaço de fluxo contínuo – relação patrão e funcionário, os estereótipos de classes sociais transvestidos em funções laborais, e ainda as desconstruções desses modelos de controle. Ainda tomam-se como função de análise desse texto, as formações linguísticas – as compressões idiomáticas, preponderância do fazer comunicacional, e os conflitos linguísticos – existentes no livro e seus meios interculturais que serão pontuados no decorrer da análise central deste texto.

O artigo inicia com uma contextualização do espaço escolhido por Quiroga para transportar e construir seus personagens. A localidade de Misiones, na região litoral argentina, é pano de fundo para o reflexo comportamental e meios de (sobre)viver dos personagens dos contos criados pelo autor uruguaio. Toma-se como base de compreensão neste trabalho a visão de um processo de “territorialização literária” promovido pela conjunção dos elementos territoriais usados pelo autor para uma identificação prévia. Anexando nesse fundo territorial a dinâmica de um espaço vivente que amalgama as ações humanas, e as subjetividades do território e do sujeito. Portanto, constituiu-se como forma de escrita para a compreensão a ideia de um *Espaço de Quiroga* – que, ao unificar esses processos distintos, converte sua ação e sujeito enraizada, mas ao mesmo tempo liberta e inventiva.

Para suplantar a análise dos contos, faz-se necessário ainda uma revisão literária sobre os conceitos de transfronteirização, transculturação, territorialização e fundamentos teóricos sobre a fronteira para auxiliar a percepção do leitor sobre as ideias propulsoras dos modos de representações existentes no livro. Mostrando-se como uma exposição indicativa, o texto tem a finalidade de agregar um tópico básico para leituras que, no formato escolhido, seja princípio e não um fim ao debate proposto. A partir disso, adentra-se a análise literária de forma conjunta com o objetivo de interpretar o espaço criado por Quiroga, refletindo sobre a formação de um dialeto e da identidade dos personagens de *Los Desterrados* com o intuito de pensar a influência das relações de poder no espaço e seu reflexo na subjetividade dos personagens. Ferramentas e perguntas que servem para o posicionamento, enquanto hipóteses, para interpretar que nos contos de Quiroga, o dialeto, as relações de poder e a identidade estão fortemente influenciadas pela formação ambígua, múltipla e variável de *ser* e *estar* na fronteira.

## 2. Contextualização do Território como Fronteira

O espaço em que se desenvolve as narrativas compiladas em *Los Desterrados* corresponde ao que hoje chamaríamos de *provincia* de Misiones, pertencente à República Argentina. Chamá-la de Misiones dá a ideia de que se trabalhará a fronteira apenas do lado argentino, não obstante, é necessário esclarecer que esta denominação responde a falta de um nome melhor – e acordado – para enunciação desse espaço. Contudo, adota-se o nome fazendo essa ressalva, e devido a utilização do autor para situar territorialmente suas narrativas. As fronteiras não podem ser pensadas apenas de uma perspectiva. Estes espaços implicam que onde algo termina, necessariamente, algo

inicia. Para estudar as fronteiras, é necessário entender as dinâmicas do espaço de ações humanas vendo além dos limites, nesse caso dos limites nacionais. O espaço missioneiro foi constituído historicamente como um espaço marginal do Estado argentino. A centralidade e o peso que teve – e possui – Buenos Aires ao funcionamento e construção, tanto material como simbólica do Estado, gerou a marginalização das *provincias* geograficamente distantes de seu centro político.

Hoje em dia, Misiones carrega em si características de exotismo na construção simbólica da Argentina. Constata-se essa construção, por exemplo, nas imagens promocionais do turismo da região, o que gera uma projeção de um espaço selvático, “natural”, místico. Esses elementos expõem uma ótica de um lugar fronteiriço, desde o centro político argentino, considerado como um confim da nação<sup>2</sup>. Neste ponto, cabe o questionar sobre o porquê desta percepção, questão que se pode tentar compreender a partir da história desse espaço, tentando refletir sobre a maneira como se constituiu, e se pensou, essa fronteira de Misiones na qual Quiroga situa suas narrativas dentro de um *sentir fronterizo* da margem do Estado nacional.

A localização geográfica da região, na *Cuenca del Plata*, despertou um grande interesse dos invasores espanhóis e portugueses desde o final do século XVI<sup>3</sup>. O Rio da Prata e seus afluentes converteram a região numa importante entrada da América do Sul. O controle da rede fluvial trouxe benefícios diretos nos planos políticos e econômicos. Diferentes estratégias de ocupação e controle foram postos em prática, entre elas, o envio de ordens religiosas para evangelização indígena, que, além de converter sujeitos nativos em súditos da Coroa Espanhola, demarcariam com sua presença a fronteira.

Assim, os enfrentamentos que entrelaçaram a vida dos habitantes originários – povos indígenas – e os padres da Companhia de Jesus (que seriam expulsos da América em 1768) durante um tempo buscavam a territorialização desse espaço como muro de contenção do avanço português, para além dos limites do *Tratado de Tordesillas* (1494). Isto gerou que os Bandeirantes, vindos de São Paulo e utilizados como mecanismo de expansão de fronteira, enfrentassem os jesuítas e os indígenas evangelizados, inaugurando um espaço de tensão territorial na zona norte da *Cuenca del Plata*.

Logo após as independências, a territorialização da região não foi um objetivo imediato dos Estados que lhe compõe atualmente, o que não significa que o espaço não tivesse uma importância central, mas que se fixava em outras prioridades. Assim, a região adotou dinâmicas particulares e próprias possibilitadas, em parte, pela falta de controle do Estado nessa época.

Ao finalizar a Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), os olhos dos três Estados beligerantes que compõem a região voltam sua atenção ao espaço fronteiriço, focados no problema dos seus “limites”. Como já foi dito, esse espaço despertava um interesse político e comercial relevante por formar parte da *Cuenca del Plata*, e esta não

<sup>2</sup> A série televisiva intitulada *Fronteras*, produzida pela Telefe no ano 2015, explora a ideia de Misiones como confim exótico, natural e selvagem, em contraposição com a capital portenha. A pertinência desse exemplo se dá porque, tanto a publicidade turística, como a indústria televisiva nacional, para nominar apenas os elementos mencionados, ajudam a fomentar e confirmar os estereótipos e as formas simbólicas de entender os espaços pretendidamente nacionais.

<sup>3</sup> É altamente questionável que a história latino-americana sempre “inicia” a partir da invasão europeia, não obstante, neste caso não temos elementos e escapa ao objetivo deste trabalho pensar uma história prévia do século XVI – mesmo acreditando na essencial revisão histórica desses processos.

havia sido claramente delimitada. O acesso direto ao rio Paraná com seus afluentes significou um argumento central na hora de disputar os limites, produto das vitórias e derrotas da guerra. Ao finalizar a demarcação fronteiriça, os Estados tentam *territorializar* efetivamente a região, questão que demorará alguns anos para sua concretização.

Nessa transição, de um espaço marginal do Estado a um espaço territorializado, é que se encontra os contos de Quiroga. Observa-se essa transição no conto *El techo de incienso*, no qual se pode ler que a chegada do Estado interrompe o “normal” funcionamento e as dinâmicas sociais da região, análise que será retomada adiante. Após esses primeiros enfrentamentos territoriais, a Argentina, assim como muitos países do continente, passaria por um período migratório. Nesse contexto, Amália Cardona Leites descreve o “cenário” em formação e o que seria usado pelo autor.

A virada do século XIX para o século XX foi marcada pelo incentivo à imigração de europeus através do apoio do Estado, com o objetivo de povoar os extensos territórios argentinos – que haviam se convertido novamente em territórios “virgens”, após tantas campanhas de extermínio, e incorporar força de trabalho. Os camponeses vindos de diferentes partes da Europa instalaram-se, assim, em regiões como a de Misiones. E é este cenário fronteiriço, onde interagem diferentes histórias e culturas, que serve como pano de fundo para as narrativas de Horacio Quiroga, também ele um estrangeiro naquele local, não sendo nem sequer argentino ou indígena e estando a transitar no espaço multicultural em que havia se transformado a região nas primeiras décadas do novecentos. (LEITES, 2013, p.21)

Horacio Quiroga, uruguaio de nascimento e considerado um dos melhores contistas latino-americanos, foi um sujeito em constante trânsito pela região platina. Nasce na cidade oriental de Salto, vive em Montevidéu, cruza o rio e se instala em Buenos Aires, sobe até a região do Chaco e vive em San Ignacio (Misiones) para logo voltar e morrer na capital argentina. Habita o espaço missioneiro no momento da transição de uma dinâmica espontânea e própria à efetiva presença do Estado. Questão que coincide com a temporalidade histórica de seus contos *desterrados* e sua própria condição de autor-sujeito-desterrado. Como mencionado anteriormente, sempre houve um paralelismo entre a sua vida e sua obra, como ponto inquestionável sobre sua produção literária. Este ponto merece uma problematização e para isso utilizam-se as reflexões de Antonio Candido.

Candido (2006) coloca que a obra e o condicionamento social da mesma têm sido analisados de maneira paralela, no qual, dentro dessa perspectiva, deve ser substituído por uma análise em que estes dois aspectos se interpenetrem mutuamente. Nem a obra é um universo autônomo, explicável por si mesma, nem os condicionamentos sociais e culturais de sua produção são os únicos determinantes para seu entendimento. Pode-se pensar a obra literária, portanto, como um produto de um determinado sujeito incerto em movimento histórico e dentro de uma realidade cultural. Por outro lado, complementando a ideia anterior, a obra literária, sem ser um universo cerrado enquanto produto artístico, não reflete a realidade tal qual ela é, pode representá-lo, dependendo dos propósitos do autor. Uma boa análise literária deveria tomar ambos fatores – obra e contexto – entendendo as relações como parte do mesmo.

Por conseguinte, texto e contexto se relacionam e se dependem, mas não se explicam equivalentemente um pelo outro. É necessário ter uma ideia do território e da sua história para entender o pressuposto de Quiroga em *Los Desterrados*. Mas não

necessariamente tudo se explicará por esses fatores. Se bem o autor conhece e escreve a partir do território real, também o inventa, como afirma o já citado Rodríguez Monegal (2004, p. XV).

Em suma, o território missioneiro vivido e criado por Quiroga é um território fronteiriço e são fronteiriços seus personagens, e também o próprio autor. Desde estas condições de *ser* e de *estar* na fronteira, serão analisadas as dinâmicas formuladas por Quiroga em suas narrativas, centralizando nas manifestações da linguagem fronteiriça das mesmas e as relações de poder que formam parte desse mundo.

Misiones, colocada a la vera de un bosque que comienza allí y termina en el Amazonas, guarece a una serie de tipos a quienes podría lógicamente imputarse cualquier cosa menos el ser aburridos. La vida más desprovista de interés al norte de Posadas, encierra dos o tres pequeñas epopeyas de trabajo o de carácter, si no de sangre. Pues bien se comprende que no son tímidos gatitos de civilización los tipos que del primer chapuzón o en el reflujo final de sus vidas han ido a encallar allá. (QUIROGA, 2013, p. 26)

Os contos reunidos e publicados sobre um título – *Los Desterrados* – indicam a partir dessa denominação uma relação particular dos sujeitos com o território. O espaço responde, assim, como um lugar central ao entendimento das narrativas tomadas como conjunto. Quem é desterrado? Um sujeito que transita, que é obrigado a sair de um lugar, mas que chega a outro, se identifica e *desidentifica*, se aproxima e se distancia do espaço que se encontra, está e não está, se sente e não se sente em casa, transborda os limites e cria novos. O desterrado está sempre numa situação de tensão, se encontra na margem simbólica e material e a converte como excepcional. O desterrado de Quiroga é, enfim, um sujeito fronteiriço.

### 3. O Lugar como Fábula, Pessoas como Paisagem

Horacio Quiroga, ao escrever uma carta, em maio de 1936, ao seu amigo e também escritor Ezequiel Martínez Estrada (1895 – 1964), sentencia um pensamento ao classificar-se, ele e o amigo, como fronteiriços, salientando que o fronteiriço é “un estado particular, abismal y luminoso como el infierno” (ESTRADA, 1995, p.120). Uma figuração exemplar do que se tornou o imaginário *quiroguiano* ao utilizar o espaço de fronteira como fundamento, um ponto de partida que se finda em fábulas inseridas na dureza do decorrer dos dias em Misiones. E quando se projeta a idéia em *Los Desterrados* se observa um *particular* pelas vias próprias de manutenção do imaginário local, uma atitude *abismal* como condição imposta e naturalizada num isolamento histórico-social, dentro de um *luminoso* alicerce narrativo intertextual.

Este artigo, como fonte inicial de discussão, se embasa pela multiplicidade teórica de compreensão perseguindo o objetivo de propiciar um primeiro passo para o leitor se aproximar da obra de Quiroga, espelhando-se em distintos autores e fundamentações para além das análises literárias. Portanto, ao adentrar no *infierno* do autor, é necessário entender esse lugar-limite, esse começo-fim e suas interdependências vivas de um espaço único, as vezes espontaneamente dividido, outras forçosamente apartado.

Tradicionalmente, pode-se pensar a fronteira como elemento artificial que, no passar dos anos, recebeu influências econômicas (blocos econômicos, livre comércio), processos de paz (acordos internacionais) e também gerou consequências a partir de

independências estatais. Porém, o pensamento conceitual sobre fronteira é evolutivo (período histórico) e subjetivo (contexto). E nesse processo o valor institucional de concretização geográfica é ação que soma à construção nacional com a sua expansão. O pensamento clássico sobre fronteira aponta a ambivalência natural/artificial, o determinismo geográfico, o estadocentrismo, e o centralismo como suas características. Na visão de Adriana Dorfman (2008), a compreensão da fronteira passa também pelo atributo inserido pela soberania do Estado-Nação, e seu fluxo próprio proporciona uma variação de “descontinuidade e justaposição das normas nacionais” (p. 259, 2008). Ou, como apresenta Pucci (2010), ao sugerir uma concepção a partir do limite, como uma área instável entre poderes políticos sem a presença do poder, mas apontando uma virada de concepção a partir do Estado burguês para atender as novas necessidades de organização do espaço econômico (p.28, 2010). Atualmente, também é possível afirmar que os processos contemporâneos, em diferentes áreas, embasaram um outro olhar sobre o espaço de fronteira, indicando uma influência conceitual de modo crítica e multipolar em consideração a questões como mobilidade, internacionalização, corpo como território político e transculturalidade. Ou ainda, nas palavras de Zapata-Barrero (2012), as fronteiras passam a ser entendidas pelo seu dinamismo – “como una realidade construida política y socialmente y en permanente cambio en cuanto a sugestión de la movilidad humana” (p.40). Por isso, afirma-se, através de Haesbaert (2011), que a fronteira:

É um lugar de encontro (ou, em outras palavras, do com-front[o] e do des-encontro), o espaço em que, ao nos depararmos com um Outro, realizamos o movimento mais explícito de (re)definição de nós mesmos – seja pelo aprofundamento do próprio olhar sobre nossa singularidade, seja pela indagação colocada pelo olhar do outro que nos impõe, ao mesmo tempo, contestações, afirmações e relativizações. (...) Se, de certa forma, vivemos hoje “nas fronteiras”, isso significa, em primeiro lugar, ser dotado de mobilidade, pois o limite-fronteira, nesse caso, não é estabelecido apenas para controlar, conter, deter, mas também (e às vezes sobretudo) para ser transposto, contornado, transgredido, já que ele, de algum modo, torna-se o próprio *locus* central da nossa vida e, ao estabelecer diferenças, incita-nos a usufruí-las em conjunto. (HAESBAERT, 2011, p.17)

Desse modo, temos a reflexão sobre como estar na fronteira e agir sobre suas contradições e recriações. É ver a corredeira do rio Paraná ou a sombra da selva de Misiones dentro de personagens enraizados dentro e fora dos limites num paralelismo psicocósmico.

Em tese defendida por Amália Cardona Leites (2013), a fronteira de Quiroga é entendida em três aspectos, segundo Bezerra (2008), no qual se estabelece a fronteira geográfica como cenário; a fronteira humana com as tramas dos personagens; e a fronteira linguística na coexistência entre o português, guarani e o espanhol. Dentro dessas categorias, é viável ponderar o desconforto da região mesclado às angústias dos habitantes devido à formação traumática das fronteiras latino-americanas, indicadas por Czekster (2003), onde o estigma da instabilidade geográfica reflete nos corpos e representa a fase inicial de demarcações forçadas em guerras e tratados (p.20, 2003). O que torna necessário valorizar a constituição de áreas de intercâmbios culturais que transcendem disputas, ilumina etnicidades e reforça uma produção artística que fundamentará esse processo identitário e alimentar a memória social. O que, no caso de



Quiroga, é externado por meio da ficção. O autor uruguaio se utiliza da fronteira linguística para lançar bases aos questionamentos dos produtos históricos.

Tanto el arte como el mito, cada uno a su modo y manera, tienen vida propia, independiente del logos, que es el pensamiento racional articulado por medio del lenguaje. Gracias al arte y al mito los seres humanos tienen una forma de representar y percibir, comprender y actuar los aspectos de su ser psicosocial que no puede objetivarse en el lenguaje. (DURANTI, 2000, p. 99)

A visão antropológica de Alessandro Duranti (2000) sobre a linguística reforça um debate sobre a linguagem como representação, fruto e imposição de forças. Mas, continuamente apoiada por si mesma para confirmar sua influência enquanto realidade, e não somente como representação. As línguas de Quiroga, o espanhol, o guarani, o português, o portunhol, o guaranhól, são amostras desses mundos que buscam sua afirmação. Podem-se destacar, nesse sentido, os diálogos entre Tirafergo e João Pedro, personagens do conto *Los Desterrados* onde as falas sobre a saudade de sua pátria não se desenvolvem nem em português, nem em espanhol, por mais que ambos sejam identificados como brasileiros. O próprio nome do personagem *João Pedro*, sem o til sobre a letra *a*, desnasalizando e *espanholizando* o nome em português, é uma marca gráfica que aponta a própria identificação do sujeito-personagem desde o portunhol, incluindo-o antes de mesmo de ser introduzida suas falas nos diálogos. Tudo isso constata uma diluição, muitas vezes despercebida, de limites e traz aos corpos (e a língua) uma constante indefinição. Ou ainda, a confirmação de um ser que se apodera de elementos múltiplos, sobreposições e evoluções, para criar uma existência que não há a possibilidade da exclusão do outro (CARNEIRO, 2016, p.22) – no caso do livro analisado, é o nascimento da zona fronteira.

La frontera es el horizonte lingüístico hacia el que tiende sin nunca llegar, el escribir quiroguiano. Lo fronterizo es, en Quiroga, límite que diferenciando, confunde, que separando, convoca y une. Lo fronterizo es límite inexistente, ausencia, en la que el destierro se vuelve retorno, la selva civilización, el pasado de las ruinas presentes; lo fronterizo es la sequía que desborda en diluvio, la inmovilidad que se desata en la rapidez vertiginosa, la larga y lenta espera que se resuelve en un instantáneo desenlace. (NÁROZNIKOVÁ, 1998, p.17)

Enquanto Stuart Hall (2006) teoriza sobre a fragmentação da identidade do indivíduo moderno em vivências que demonstram um caráter temporário e cambiante – classificando-o como pós-moderno –, pode-se afirmar que o ser fronteiro se humaniza dentro dos processos cambiantes há muito tempo como estrutura característica de sua existência. Como fonte sintetizadora de sua identidade cultural, na qual se observam câmbios sutis de valorização (e significação) do território e as transgressões frente a normativas, tornam-se constâncias de sobrevivência. Está na luta improvisada contra um controle que não existe em sua complexidade ativa, como em conurbações metropolitanas, mas deixa um espectro pairando e reforçando a dúvida e o imprevisto.

Como o funcionário estatal Orgaz do conto *El Techo de Incienso*, referência aos tempos antigos, onde a presença do Estado não era a mesma que na época em que se situa o narrador. Mostram-se as dinâmicas do Estado, formas de organização e registro que eram distantes da vida em San Ignacio, mas que se impuseram como uma necessidade durante a chegada da personificação do Estado, com o inspetor. Este funcionário, como representante do poder central nacional, chega para impor e

reconhecer a soberania política do Estado e, desta maneira, estabelecer a fronteira a partir de componentes ideológicos nacionalistas, delimitando competências, funções, controle, e com sua consequente utopia de impor uma identidade homogênea.

En aquel tiempo los libros de actas permanecían en las oficinas locales, donde eran inspeccionados cada año. Así por lo menos debía hacerse. Pero en la práctica transcurrían años sin que la inspección se efectuara, y hasta cuatro años, como en el caso de Orgaz. De modo que el inspector cayó sobre veinticuatro libros del Registro Civil, doce de los cuales tenían sus actas sin firmas, y los otros doce estaban totalmente en blanco (QUIROGA, 2013, p. 37).

Como afirma Boaventura de Souza Santos (1994), a imposição do Estado nacional e nacionalista busca reduzir as intersubjetividades plurais a uma única lealdade, com o objetivo de destruir as diferentes identidades com potencial de segmentação social inconveniente para o projeto político hegemônico, para poder utilizar essa identificação pretendidamente nacional para a criação das alteridades – importantes na hora de demarcar fronteiras. Desta maneira, pode-se considerar que o funcionário estatal não somente exerce um controle legal, mas também que semeia elementos identitários a partir do reforço da rede administrativa nacional.

Cuando llovía, Orgaz cambiaba ocho a diez veces de lugar su cama, y sus muebles tenían regueros blancuzcos de agua. Hemos insistido en este detalle de la casa de Orgaz, porque tal techo erizado absorbió durante cuatro años las fuerzas del jefe del Registro Civil, sin darle apenas tiempo en los días de tregua para sudar a la siesta estirando el alambrado, o perderse en el monte por dos días, para aparecer por fin a la luz con la cabeza llena de hojarasca. (QUIROGA, 2013, p.34)

Vemos a vida burocrática desconectada, em ruína, como San Ignacio, em um paralelismo com o teto da casa de Orgaz – que lhe toma tempo com urgência e dedicação em contraste com seus afazeres junto ao funcionalismo público. O “zonzó” Orgaz cai em outra ambivalência ao se sentir orgulhoso pelas suas resoluções enquanto funcionário, mas é encarado de forma displicente. Então, Quiroga mapeia essa personificação quase folclórica desses aparatos do poder estatal que vão aparecer novamente em *La Cámara Oscura*, e nas figuras dos patrões em contos como *Los Desterrados* e *Van-Houten* para a percepção dominadora das relações sociais como efetivação de micropoderes. Outrossim, a inclusão de atividades de vigilância e de punição concretizam a manutenção desses poderes “impotentes”, como classificou Foucault (2002), onde a sua ininterrupta recriação de relações entre dominados e dominadores é essencial para sua formalização enquanto símbolo. Portanto, há o exercício do poder sem “rostos”, sem titularidade – “não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui” (FOUCAULT, p.7, 1972). Esse *não existir* na obra de Quiroga, pela análise de Leites (2013), refere-se à exploração de histórias dos rincões isolados, na barreira onde a modernidade se originava e o nativo se conformava, devido a violências e barbáries, mesmo que contrariado. E será a resistência que resultará nos câmbios necessários para a reformatação da gente desses rincões – “O sistema é aceito tal como está, intocável, já que a necessidade de sobreviver dita a ordem e não permite saída. O poder da autoridade, desta forma, assenta na necessidade na falta de consciência do oprimido” (p.30, 2013). Ou na atitude dos personagens de *Los Desterrados*, que admitem uma condição de não existência e duelam com o sistema nas

brechas de suas falhas e sentem-se nostálgicos de um tempo pretérito de maior liberdade.

Las costumbres, en efecto, la población y el aspecto mismo del país, distaban, como la realidad de un sueño, de los primeros tiempos vírgenes, cuando no había límite para la extensión de los rozados, y éstos se efectuaban entre todos y para todos, por el sistema cooperativo. No se conocía entonces la moneda, ni el Código Rural, ni las tranqueras con candado, ni los breeches. Desde el Pequirí al Paraná, todo era Brasil y lengua materna, hasta con los francés de Posadas. Ahora el país era distinto, nuevo, extraño y difícil. Y ellos, Tiraferro y Joao Pedro, estaban ya muy viejos para reconocerse en él. (QUIROGA, 2013, p.18)

Se insiste na problematização do ser fronteiriço de Quiroga por sua existência negada, ou por seu passado obscuro, por seu impulso ao desterro, que nos contos do livro são elevados a níveis de nascimento e morte durante um pequeno período, onde se tornam seres como subterfúgios narrativos. Linda Nározniková (1998) fala que os personagens do autor são “criaturas fatalistas, seres de desamparo y soledad como lo que él mismo fue se en gran medida” (p.6). São trabalhadores rurais (os mensú), inúmeros estrangeiros, gente com faltas (físicas e morais) e pessoas de Misiones que também existem em relação estreita com a paisagem – “los personajes son seres marginales, fracasados, abúlicos, maniáticos, exhombres” (ROSEMBERG, 1987). Marcadamente, o autor localiza em seus contos sujeitos estreitamente relacionados com essa paisagem, apresentados de forma “pitoresca”. São sujeitos que não se entendem fora desse espaço, e um espaço que se torna incompleto sem esses sujeitos. Dessa maneira, os personagens ganham lugar pela sua apresentação como sujeitos excepcionais, singulares, irrepetíveis, assim como o espaço que os contém.

É redimir-se frente à força desse espaço. Rosenberg (1987) expõe que esses contos possuem como tema principal a luta do indivíduo contra a natureza, simbolizada pela antítese barbárie versus civilização (p.33). Pode-se observar no realismo fantástico de *El Regreso de la Anaconda*, que projeta a individualidade sábia do animal em contrapartida ao inconsequente Homem – “En Misiones los animales se humanizan y los hombres se bestializan” (p.18, 1998). É dessa maneira que o autor resolve apresentar o espaço, que será uma das unidades de coesão dessa obra. Por meio da mirada rastejante da cobra sábia, que, desde *abajo*, Quiroga nos localiza e nos joga as dúvidas enquanto civilização, enquanto violências e inteligências. Anaconda é um ser fronteiriço em demasia, por suas memórias perdidas, de valores perdidos, dentro de um passado idealizado, esperançosa, sem limites geográficos. Anaconda, na soma de todo o livro, é o único personagem que desempenha uma liderança, porém a fuga e o desbravar reposiciona em si a personalidade fronteiriça. Anaconda aparece como personagem de fronteira, mediadora entre mundos distintos. Morta, fica o conflito aberto. Outro momento de crise. A morte de Anaconda se coloca como o primeiro conto da obra, sugerindo que o conflito inaugural com seu assassinato recorrerá e atravessará todas as narrativas. A fronteira entre o natural e o civilizado já não está demarcada, e o território missioneiro se debaterá em torno do conflito pela imposição de um sobre o outro.

Pero entre el instante actual y esa postrera espiración, ¡qué de sueños, trastornos, esperanzas y dramas presumimos en nuestra vida! ¡Qué nos reserva aún esta existencia llena de vigor, antes de su eliminación del escenario humano! Es éste el consuelo, el placer y la razón de nuestras divagaciones mortuorias: ¡Tan lejos está la muerte, y tan imprevisto lo que

debemos vivir aún! ¿Aún...? No han pasado dos segundos: el sol está exactamente a la misma altura; las sombras no han avanzado un milímetro. Bruscamente, acaban de resolverse para el hombre tendido las divagaciones a largo plazo: se está muriendo. Muerto. Puede considerarse muerto en su cómoda postura. Pero el hombre abre los ojos y mira. ¿Qué tiempo ha pasado? ¿Qué cataclismo ha sobrevenido en el mundo? ¿Qué trastorno de la naturaleza trasuda el horrible acontecimiento? (QUIROGA, 2013, p.31)

O ser fronteiroço segue em suas "crises", mas como ato de transformação. É nascer-se em crise, pressionado em suas precariedades e com a sensação contínua do *machete* deslizando no peito, como em *El Hombre Muerto*. E quando se espelha o perfil vagante desse indivíduo se reflete não mais como um *ser* da fronteira, mas um estado identitário *em* fronteira, onde é possível estar nela sem uma presença física e geográfica. Nessa condição própria, reverte-se e impulsiona as relações conflitivas da personalidade, e sua fundamentação epistemológica, e geopolítica. O fator transitório, extensivo, transcultural, de emanção e quebra simbólica, leva o escritor Aldyr Garcia Schlee (2014) a citar Ángel Rama para exemplificar seu espaço de fronteira, no qual as tensões existentes trazem a tendência ao compartilhamento cultural, aos processos de identificação, na perspectiva dessas tensões serem "neutralizadas ou relativizadas pela própria ação humana" (p.24). Desse modo, pode-se entender a fronteira por conta da inexistência *do outro lado*, sobressaindo o fim de divisões, e, segundo o escritor brasileiro-uruguaio, é originária a partir da simplicidade, do cotidiano, sem perceber importâncias, desafiando a vida "como acontece o inquietante revés das coisas, como acontece a alegre sobrevivência dos pobres, como acontece a fantástica das forças elementares e dos ímpetus fisiológicos" (p.26). São o que são.

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor (SANTIAGO, 2000, p.16)

A revisão crítica das diferenças culturais é ponto de partida da figuração abrangente do ser latino, e por consequência é caro também ao ser fronteiroço – devido ao seu pioneirismo. Então, as quebras propiciadas se tornam palpáveis às reivindicações de um outro *modus operandi* gestado, como no caso da representação social inserida na produção literária. Portanto, a prática social da identidade e a representação social coexistem, ao passo que se transcorre por uma sociedade impulsionada pela retroalimentação de valores, preceitos e modos de sobrevivência. O eterno perguntar-se por si vai emoldurar no extrato social pequenas bases para o enfrentamento de noções práticas para formatar e entender a identidade desse indivíduo. E os recortes dessas bases estão na afirmação do psicólogo social Serge Moscovici (1978), na qual representações surgem onde houver perigo para uma identidade coletiva – ou seja, “quando a comunicação de conhecimentos submerge as regras que a sociedade se outorgou” (p.174). Por conseguinte, as amarras, quando pensamos o fronteiroço, estão no entrenó, no descentramento consensual, nas infinitas possibilidades de angariar narrativas na busca por rupturas e afirmações de novas realidades.

#### 4. Conclusão

Este trabalho sobre o livro *Los Desterrados* propôs uma aproximação entre a produção literária de Horacio Quiroga com áreas de análises e estudos que pluralizam a discussão sobre a sua literatura, tendo como preocupação o sentir e as manifestações fronteiriças. A tentativa de ampliação da perspectiva de análise desse escritor latino-americano objetiva a interdisciplinaridade, e toca na diversidade composicional para fortalecer o poder imagético e identitário que emana das formas de representação e teorias aqui utilizados. Horacio Quiroga, autodefinido como sujeito fronteiriço, cria e coloca em *Los Desterrados* personagens que se identificam como tais, e se encontram na fronteira, entendida como um tipo particular de espaço e de relação consigo mesmo. Território e/ou espaço que não se elucida com sua base numa veracidade, mas na locação dos personagens e inspirações que são inseridos pelo autor numa zona que independe sua origem territorial e constituição de um espaço próprio. Quiçá, seja na dúvida e na condução literária inventiva que se concretiza um (outro) olhar sobre a fronteira e sua gente. Seu *ser* e *estar* se situam neste espaço particular que interfere sua identidade e a apresentação da mesma em relação com outros sujeitos. Desse espaço, se apresenta tanto como pano de fundo das narrativas, como o nexo que as unem dentro do sentido emocional e pessoal.

O espaço criado pelo autor é um país prosaico enraizado na selva que se mostrou resistente no espelhamento aos sentidos de fronteira e categorizações. O espaço de fronteira tradicional com seus limites e uma atenta transição do Estado e seus micropoderes destituiu, com sua narrativa, qualquer marco – seja ele físico, ou não. A visualização de um pensamento de fronteira em Quiroga, sem uma intenção integralista, fomenta o diálogo e a desestabilização de convenções. O livro, ao pensar os desterrados, constituiu um espaço fluido, sem barreiras institucionais ou filosóficas. Ocasiona a promoção de um pensamento classificado como marginal, deslocando sua centralidade a um modelo de *ser* e *estar* na fronteira. A nação de Quiroga enterra a bandeira nacional, corrói brasões aristocráticos ao jogá-los nas águas do Paraná, e cria um hino com as palavras de um idioma múltiplo.

Foram considerados neste artigo quatro unidades de desenvolvimento do pensamento usado por Horacio Quiroga em *Los Desterrados*: o dialeto, o território identitário, o trabalho como elemento central e condição de vida e, por fim, os aparatos do poder.

O dialeto, no caso da criação de *Los Desterrados*, se torna símbolo empírico da constituição da realidade, delibera atitudes independentes, sendo uma figuração da personalidade fronteiriça em seu *desraizamento* e jogos de sentidos, onde impera a fonte comunicacional, em contrapartida ao sentimento ufanista/nacionalista/purista. A narrativa *quiroguiana* se apresenta ao leitor como texto a ser lido – e relido – e seu maior recurso para representá-lo é o dialeto. Assim, este dialeto como meio de representação e como reflexo do *ser* dos personagens está dizendo sobre eles mesmos, sobre as relações e dinâmicas com o espaço em que estão inseridos. Contraria alguns cânones linguísticos estabelecidos *estadocentricamente*, se manifestando a partir de diferentes formas e outras vias de expressão. Desta maneira, a identidade dos personagens relaciona seu espaço social, tendo a língua escrita como mecanismo pelo qual o leitor capta essa dinâmica. Então, a língua seria a manifestação e o recurso literário que, explicitamente, manifesta a condição do ser fronteiriço (sou da fronteira, e

assim me expresso), e de estar na fronteira (minha forma de expressão, possuiu sentido e coerência no espaço de fronteira).

Condição que, contraditoriamente, reforça o território como elemento base de sua identidade. Na fluidez de sua linguagem, o território torna-se ao mesmo tempo uma constituição base, como uma condição-produto das relações que o indivíduo fronteiriço tenta desenvolver em sua vivência. O território é a identidade que conjuga uma disparidade – às vezes, intencional. Caso que não ocorre com o trabalho. As histórias expostas trazem conjuntamente uma base *quiroguiana* que reforça visão labutar para "mover" as ações dos sujeitos. Não há sentimentalismos, não ocorrem divagações, não existem opções, somente a luta pela sobrevivência – e ela só se origina a partir da relação (displicente ou não) com o trabalho. Fator que gera concretude aos aparatos de poder. Os padrões de controle, que estavam em elaboração nesse território, esclarecem como a atuação hegemônica e eurocêntrica se tornariam meios constitucionais, para além da fronteira, para além do corpo e mente de seu existir na(em) fronteira.

Portanto, os apontamentos que estão contidos neste texto divagam sobre os limites dispersos e diluídos por Quiroga. Fortalecer o diálogo e propor intermediações com o leitor são propostas condizentes com o barco em águas turvas e bravas que Quiroga representou. Torna-se desterrado quem desafia os elementos de qualquer constituição. Para fora de padronizações, e duvidando de pensamentos que se julgam constituídos em sua formação. Desafiar as fronteiras criadas se mostra essencial aos passos que incentivam a compreensão e entendimento de alteridades.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARNEIRO, Camilo Pereira. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Ideograf, 2016.
- CZEKSTER, Gustavo Melo. *Horacio Quiroga e Cyro Martins: fronteiras, confluências*. 109 f. Tese (Mestrado) – Literatura Comparada, Ufrgs, Porto Alegre, 2003.
- DORFMAN, Adriana. Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil-Uruguai. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz [et al.]. *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Ed. Ulbra, Porto Alegre, 2008.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ESTRADA, Martínez. *El hermano Quiroga*. 1995. Disponível em: <[http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&tt\\_products=266](http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&tt_products=266)>. Acesso em 17 mai. 2016.
- FERRARI, Alejandro. *El cine, el otro país de Horacio Quiroga*. Brecha, Montevideo, p. 3 – 6, 13 de maio de 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Os intelectuais e o poder*. 1972. Disponível em: <<http://cineclubedecompostela.blogaliza.org/files/2010/09/Foucault-Deleuze-Os-Intelectuais-e-o-Poder.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

- HAESBAERT, Rogério. Multi/transterritorialidade e "contornamento": do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, Nilson Cesar. *Territórios e fronteiras – rearranjos e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- LEITES, Amália Cardona. *Resistência e violência em Horacio Quiroga e Sergio Faraco*. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, UFSM, Santa Maria, 2013.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.
- NÁROZNIKOVÁ, Linda. Horacio Quiroga. *Regreso, soledad y la muerte de los desterrados en Misiones*. 1998. Disponível em: <[http://www.premioiberoamericano.cz/documentos/4taedicion/2doPremioIV\\_LindaNaroznikova.pdf](http://www.premioiberoamericano.cz/documentos/4taedicion/2doPremioIV_LindaNaroznikova.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2016.
- PUCCI, Adriano Silva. *O estatuto da fronteira Brasil-Uruguai*. Brasília: FUNAG, 2010.
- QUIROGA, Horacio. *Los Desterrados*. 2013. Disponível em: <<http://www.libricultura.com/2013/06/los-desterrados-horacio-quiroga-pdf-epub.html>>. Acesso em: 04 jun. 2016.
- RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir, “Prólogo”, In: QUIROGA, Horacio. *Cuentos*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.
- ROSEMBERG, Fernando. *Estudio preliminar*. 1987. Disponível em: <[http://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/los\\_desterrados.pdf](http://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/los_desterrados.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2016.
- SANTOS, Boaventura de Souza e. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*, Tempo Social, São Paulo: USP, n. 5, p. 31- 52, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Linguagem de fronteira*. Vox, Porto Alegre, v. 7, p.22-27, 2014.
- ZAPATA-BARRERO, Ricard. *Teoría Política de la Frontera y la movilidad humana*. 2012. Disponível em: <[http://dcpis.upf.edu/~ricard-zapata/~ricard-zapata/art\\_2.pdf](http://dcpis.upf.edu/~ricard-zapata/~ricard-zapata/art_2.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2016.